

EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

BASIC EDUCATION IN PANDEMIC TIMES

Renata Cristina Rocha Medeiros¹

Maria João Cardoso de Carvalho²

Resumo

No início do ano de 2020, o mundo assistiu à contaminação por um vírus para o qual ainda não havia vacina para proteger o ser humano. Várias medidas para evitar a disseminação pelo vírus foram feitas pelos países do mundo. Aqui no Brasil, o isolamento domiciliar foi uma das medidas adotadas, além do aumento da higienização das mãos e de outros procedimentos para garantir a preservação dos brasileiros. Vários comércios foram fechados e tiveram que reinventar a forma de entregar o serviço. Entre os comércios proibidos de abrir estão as escolas que tiveram que optar pelo ensino remoto. A pesquisa realizada foi um estudo de caso que utilizou um formulário realizado pelo Google Forms e enviado pelo WhatsApp e *Facebook*. Foram computados 91 respondentes, entre as cinco regiões do Brasil. A maioria dos respondentes, cerca de 82% ou 75, eram mulheres; 83% ou 76 dos respondentes estudavam em escolas particulares; o número de respondentes entre o ensino Fundamental 1 (1º, 2º e 3º anos) 34 ou 31% dos respondentes, com idades entre 6 a 9 anos e no Fundamental 2 (6º ao 9º Ano) está equilibrado com crianças com 10 a 12 anos. Os respondentes são, predominantemente, da região Sudeste cerca de 74% ou 68 respondentes. Entre as estratégias que os respondentes estabeleceram, contratar um professor particular está nos planos de 38 ou quase 43%; a maioria dos respondentes se adaptaram ao ensino não presencial, 57% ou 51 dos respondentes e 46 ou cerca de 51% esperariam um pouco ou não levariam os filhos para as escolas, se fossem autorizado o retorno das aulas presenciais. As considerações finais da pesquisa foi que a maioria dos respondentes procuraram entender e se adaptar ao ensino não presencial, buscando dar maior autonomia para os filhos e acompanhar mais de perto, ensinando as matérias para os filhos, almejando que as crianças aprendam e não percam o ano letivo.

Palavras-chave: Educação não presencial. Pandemia. Ensino Fundamental.

Abstract

At the beginning of 2020, the world saw contamination for a virus that had not yet been vaccinated to protect human beings. Various measures have been taken to prevent the spread of the virus by countries around the world. Here in Brazil, home isolation was one of the measures adopted, in addition to increasing hand hygiene and other procedures to ensure the preservation of Brazilians. Several stores were closed and had to reinvent the way of delivering

¹ Doutoranda Universidade Trás-os-Montes de Alto Douro - Portugal. Mestre em Administração, licenciada em Pedagogia. E-mail: profa.renata0809@gmail.com

² Professora Auxiliar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal. E-mail: mjcc@utad.pt

the service. Among the businesses prohibited from opening are schools that had to opt for remote education. The research carried out was a case study that used a form made by Google Forms and sent by WhatsApp and Facebook. 91 respondents were computed, among the five regions of Brazil, most respondents, about 82% or 75, were women; 83% or 76 of the respondents studied in private schools; the number of respondents between elementary school 1 (1st., 2nd. and 3rd. years) 34 or 31% of respondents, aged 6 to 9 years and in Elementary 2 (6th. 9th. Year) is balanced with children with 10 to 12 years old respondents who find the predominance of answers are from the Southeast region about 74% or 68 respondents. Among the strategies that respondents established to hire a private teacher is in the plans of 38 or almost 43%; most respondents adapted to non-face-to-face education, 57% or 51 of respondents and 46 or about 51% would wait a little or would not take their children to schools, if the return of face-to-face classes was authorized. The final considerations of the research were that most of the respondents sought to understand and adapt to non-classroom teaching, seeking to give greater autonomy to their children and to follow more closely, teaching the subjects to their children, aiming that children learn and not lose the school year.

Keywords: Non-classroom education. Pandemic. Elementary School.

Introdução

Com a gravidade da contaminação e a letalidade do novo Corona vírus ou COVID19, o Tribunal Regional do Trabalho de Minas Gerais (TRT-MG) decretou, no dia 27 de março de 2020, a suspensão das aulas no modo presencial para escolas públicas e privadas, através da Nota de esclarecimento e orientações 01/2020. Tais medidas visaram reduzir o risco do contágio da população considerada de risco (idosos, pessoas com enfermidades pré-existent: diabetes pressão alta, asmáticos, entre outras), mantendo-as em isolamento domiciliar (DOEMG, 2020).

[...] a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 11 de março de 2020, que a disseminação comunitária do Corona Vírus (SARS-Cov-2), em todos os Continentes, caracteriza pandemia e que estudos recentes demonstram a eficácia das medidas de afastamento social (DOEMG, p. 17).

As escolas públicas ficaram com as aulas presenciais suspensas nos 26 estados mais o Distrito Federal, retomando as aulas não presenciais no dia 18 de maio de 2020. Já as escolas particulares, logo depois da suspensão das aulas presenciais, iniciaram, no mês de março, as aulas na modalidade não presencial. O período de aulas não presenciais deve superar os 130 dias nas escolas particulares. A intenção das escolas particulares foi garantir o cumprimento do currículo, evitar o comprometimento das férias escolares, do ano letivo, além de justificar o envio das mensalidades correspondentes.

Este artigo é importante para verificar a visão dos responsáveis pelos estudantes durante a quarentena, auxiliando os educadores a traçar melhores estratégias para a atual e para futuras situações no campo da educação. Pelo fato de o ensino não presencial estar há mais tempo nas escolas particulares, o objeto de estudo são os responsáveis pelos estudantes das escolas particulares das cinco regiões do Brasil.

Desde o início, quando foi instituído o isolamento social, várias reportagens televisivas e de jornais na internet apontaram a dificuldade dos responsáveis na adaptação do ensino não presencial, tendo sido ventilado nas reportagens o desejo desses em cancelar o ano letivo. Os pressupostos estavam indicando que:

1. Com a pouca ou nenhuma experiência dos responsáveis com ações pedagógicas do ensino não presencial, o fracasso do ensino não presencial estaria iminente;
2. As dificuldades enfrentadas pelos responsáveis e pelos alunos para se organizarem no período de isolamento domiciliar eram fatores que poderiam prejudicar o resultado do ensino não presencial;
3. A falta de planejamento para conciliar o *Home Office* dos responsáveis com os afazeres domésticos era outro fator que prejudicaria a educação não presencial.

Por saber que, muitas vezes, as reportagens podem ser tendenciosas por não fazerem uma pesquisa sobre o assunto, surgiu o interesse em pesquisar quais estratégias os responsáveis estabeleceram para lidar com o ensino não presencial nos tempos da pandemia.

Objetivo geral

Compreender as estratégias que os responsáveis estabeleceram para lidar com o ensino não presencial em tempos de pandemia.

Objetivos específicos

- Identificar as estratégias que os responsáveis estabeleceram para lidar com o ensino não presencial;
- Verificar a funcionalidade das estratégias que os responsáveis estabeleceram para lidar com o ensino não presencial.

Apesar de pouco usado na educação, o método do estudo de caso foi utilizado por ser este um método que possibilita estudar fenômenos empíricos. Este estudo não tem por finalidade esgotar o assunto, por esse motivo a pesquisa é descritiva, por descrever como os responsáveis buscaram alternativas para passar pelo processo da pandemia e a educação não presencial (PATEL, 2020; BRANSKI, 2020). Devido ao isolamento domiciliar, foi elaborado e enviado um formulário, com 19 questões, aos responsáveis dos estudantes do Ensino Fundamental ao Ensino Médio através de grupos de WhatsApp e do Facebook.

Dessa forma, a confiabilidade pode ser confirmada, pois há a possibilidade da replicação do experimento por outro pesquisador e o protocolo estabelece que a replicação deverá ocorrer com responsáveis de estudantes que se encontram em isolamento domiciliar. A validade do constructo se apresenta por estar evidente a triangulação dos dados, a revisão dos relatórios individuais dos informantes. A análise dos dados coletados e os respectivos relatórios ocorreu juntamente com a revisão bibliográfica.

Este artigo está dividido em quatro partes, sendo a primeira composta por esta introdução, que aborda os primeiros pensamentos sobre o assunto. A segunda parte aborda a questão das mudanças trazidas pelo isolamento domiciliar e o distanciamento social na vida dos responsáveis e dos alunos das escolas particulares. A terceira parte aborda sobre a maturidade das crianças e sua relação com as estratégias utilizadas pelos responsáveis para enfrentar o ensino não presencial no período do distanciamento social. A última parte são as considerações finais, que fazem um fechamento de todos os assuntos tratados no artigo.

As Mudanças e seus efeitos

“Às vezes é preciso mudar certas coisas. Não por vontade, mas por necessidade” (Editorial Que conceito, 2020).

Desde março de 2020, no mundo e no Brasil, as pessoas precisaram se adaptar ao isolamento social, alterar a forma de se higienizar, os cuidados diários com o contato com as pessoas, a utilização de máscaras, o uso constante de álcool em gel, entre outros cuidados. Além disso, muitas empresas precisaram se reorganizar para continuar funcionando e as escolas precisaram fechar as portas para as aulas presenciais e organizar a forma de entregar o serviço. Como disse um dos responsáveis entrevistados R1: *“Tudo isso é uma novidade para todos. Todos estamos nos adaptando e tudo que é novidade gera dificuldade”*.

Para todas as mudanças, é importante haver uma preparação psicológica para facilitar a adaptação a elas, sem prejudicar a adaptação dos envolvidos. As mudanças que aconteceram

foram bem repentinas, conseqüentemente, pouco planejadas e alteraram de forma significativa a vida de todos (TIRABONCHI, 2020).

As mudanças foram impostas pelas circunstâncias e existem pessoas que conseguiram se adaptar e outras não, querendo retornar ao estado inicial. Falas como essas demonstram pouca flexibilidade e resistência às mudanças, o que torna o período de adaptação mais difícil. Segundo o responsável R2:

A suspensão das aulas e do comércio no geral causará danos inestimáveis e talvez irreversíveis. As crianças foram extremamente prejudicadas didática e emocionalmente. É preciso retornar o ensino presencial o mais rápido possível.

A negação é uma das reações mais comuns quando as pessoas passam por situações traumáticas. Assim, o respondente R3 diz: *“Não acredito nessa pandemia como algo que ofereça significativo risco de vida”*.

Já outros responsáveis têm uma forma positiva e otimista de enfrentar essa situação, entendendo que se adaptar pode ser a melhor solução. Respondente R4: *“Temos que nos adaptar a esta nova realidade”*. R5: *“Temos que nos adaptar e a escola deve evoluir”*.

Sabe-se que, quando o isolamento social acabar, as coisas não estarão como antes e, certamente, ensinamentos positivos serão tirados desse processo.

Mudança do paradigma

O Conselho Nacional de Educação recomendou para as escolas que as atividades ofertadas abrangessem desde o ensino fundamental, *“para que as famílias e os estudantes não perdessem o contato com a escola e não tenham retrocessos na aprendizagem”*. Além do vínculo com a escola, *“a partir do ensino fundamental, é possível que as atividades remotas sejam consideradas no calendário de 2020”*. As recomendações que são válidas para o Ensino Fundamental em diante não valem para a Educação Infantil, que deverá ter aulas repostas presencialmente. Assim, tanto uma, quanto a outra cumprirão as 800 horas de atividades e não mais os 200 dias letivos (DUNDER, 2020).

Há novas possibilidades para escolas, professores e famílias. Um grupo de escolas ofereceu os 4 horários de aula com os professores do outro lado da tela; outras ofereceram até 3 horários por dia com os alunos, ficando os outros horários para plantões (os alunos tirando dúvidas). Os docentes tiveram que se reinventar no processo de ensino, tiveram que entender o perfil das suas turmas e estabeleceram estratégias de acordo com sua realidade. Uns professores deram

aulas teóricas, outros deram aulas com correções de exercícios, outros uniram as duas didáticas. O importante foi os professores serem flexíveis frente à realidade.

A revisão do currículo escolar foi importante e sua adaptação também. Para o R6: *“Nosso ensino é secular e não preparou o aluno para a pandemia. Por isso é muito importante rever o currículo, a metodologia e as concepções pedagógicas”*.

A LDB, no artigo 32 § 4º, assegura que *“o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”*. Esse momento da pandemia é o momento emergencial e, por isso, todas as ações das escolas particulares estão respaldadas na LDB 9.394/1966. O § 5º dessa lei abordou que:

[...] o currículo do ensino fundamental incluirá, obrigatoriamente, conteúdos que tratem dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como diretriz a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que instituiu o Estatuto da Criança e do Adolescente, observada a produção e distribuição de material didático adequado (Incluído pela Lei nº 11.525, de 2007).

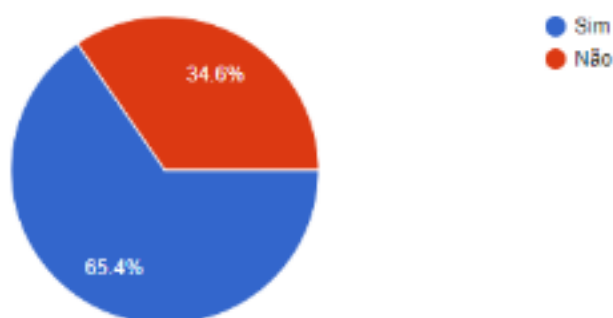
Os conteúdos disponibilizados pelas escolas particulares devem atender à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a questão se encontra nos responsáveis, muitas vezes, sem tempo e sem formação para se fazer cumprir, de forma adequada, o material disponibilizado, como para R7: *“Não tenho formação em pedagogia para ensinar meu filho sobre esses assuntos, leio junto, mas não sei explicar”*. O Conselho Nacional de Educação também orientou que as crianças, a partir do Ensino Fundamental, passem por uma avaliação, verificando a aprendizagem, assim que as aulas presenciais forem retomadas.

O formulário enviado pelos canais WhatsApp e Facebook obteve 91 respondentes. Na pergunta número 10, que falava sobre a dificuldade enfrentada pelos responsáveis no ensino não presencial, 50% ou 45 respondentes tiveram dificuldades em se adaptar ou não se adaptaram ainda a essa nova realidade do ensino. O que traz um alerta para os educadores, que, por mais que entreguem o material como manda a lei, existe uma questão subjetiva nas famílias. A escola não deve se responsabilizar por questões individuais, mas precisa compreender a independência tecnológica, como aponta também o artigo 32 da LDB, no inciso *“II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”*. Assim, pelas respostas ao formulário, a inabilidade tecnológica e a alta dependência das crianças dos pais apontam como sendo uma parte das dificuldades que os responsáveis apresentaram.

A pergunta número 7 buscou saber a idade dos alunos. A maior parte dos respondentes, 88 pessoas ou 97%, são crianças acima de 6 anos. Segundo Willrich, Azevedo e Fernandes (2009), com 6 anos, as crianças são capazes de expressar satisfação e prazer em vivenciar atividades que estimulem a criatividade, adoram ser incentivadas com a imaginação na construção do pensamento bem como situações que possibilitem estabelecer novas relações. Assim, entende-se que a parceria dos pais com a escola é fundamental para o desenvolvimento das crianças. Tanto a família quanto a escola têm funções definidoras, distintas e complementares no desenvolvimento dos estudantes.

Relatos empíricos dão a entender que as crianças modernas acessam com facilidade a tecnologia, mas a sensação nos relatos dos respondentes é que esse acesso remoto seria tirado de letra pela maioria dos estudantes (TIRABOSHI, 2020). A pergunta número 12 indagou se dividir o acompanhamento escolar com outro adulto ajudou no processo de adaptação. O resultado está expresso no gráfico a seguir:

12. Dividir o ensino não presencial foi um fator de melhor adaptação?



Mas a realidade não foi como vinha-se ventilando, 65,4% dos respondentes tiveram ajuda de outra pessoa para auxiliar na melhor adaptação no processo do ensino não presencial.

Dificuldades dos responsáveis

Dentre as dificuldades enfrentadas pelos responsáveis na educação não presencial destacou-se que acompanhar os estudantes nas atividades foi o item considerado de maior dificuldade nesse processo, com 52,2% ou 47 dos respondentes. Conciliar o *Home Office* com

as atividades escolares foi o segundo item mais votado, com 42% ou 38 dos respondentes. Entende-se que a escolha de acompanhar o desenvolvimento do filho e cuidar do sustento da família são fatores importantes, mas conflitantes, uma vez que os pais utilizam o horário em que a criança está na escola, para realizar o trabalho, e, uma vez a criança em casa, a rotina muda, mas, a rotina do trabalho não pode mudar. A criança ficou sacrificada no acompanhamento mais direto, as famílias tiveram que a deixar as crianças mais independentes. Só que, mesmo em ações independentes, as crianças precisam ser supervisionadas, os responsáveis devem verificar se as atividades postadas e indicadas foram feitas. Há relatos de pais que deixaram as crianças independentes, apenas perguntando com frequência se fizeram as atividades e se estavam com dúvidas, e as respostas negativas deixaram-nos tranquilos, mas, ao verificarem após um tempo, descobriram que as crianças não fizeram nenhuma atividade.

Dentre os relatos dos responsáveis, a falta de concentração das crianças foi a maior dificuldade encontrada. A maior parte dos estudantes da pesquisa, 41%, se encontra na faixa etária compreendida entre 6 e 9 anos.

Segundo o Caczan (2020, sp),

[...] as crianças, a partir dos seis anos, estão com toda a energia voltada para o aprender, o conhecer, portanto, são curiosas e testam seus limites motores, tentando acrobacias malucas e intelectuais, perguntando sobre o mundo e desmistificando algumas crenças.

Para as crianças de 8 e 9 anos, a OMS (Organização Mundial da Saúde) recomenda a prática de uma hora de exercício por dia. Essa prática ajuda no controle da agressividade, uma vez que elas estão testando os limites constantemente e são muito curiosas. Em isolamento domiciliar, muitas crianças não conseguem realizar pelo menos 1 hora de atividade física por dia, assim, a criança acumula energia e, sem saber o que fazer com essa energia, ela pode se tornar agressiva, ansiosa, entre outros efeitos do isolamento.

As crianças veem o mundo com um olhar diferente do olhar de um adulto. Essa percepção diferenciada corresponde à pouca experiência da criança para com as situações da vida. As crianças estão imersas no mundo da fantasia, não conseguindo diferenciar a fantasia da realidade. As crianças até os 11 anos estão ainda com o pensamento concreto, vindo a desenvolver o pensamento abstrato posteriormente.

As crianças com 7 anos não têm senso de reversibilidade, por exemplo: as crianças não conseguem combinar duas dimensões como altura e largura. A construção do moral nas crianças

ainda está em construção, assim, elas tomam decisões ou concluem situações baseadas na forma como interpretam o mundo, exemplo a construção do moral (CACZAN, sd).

Segundo a autora, as crianças conseguem avaliar o mundo com uma visão mais madura, próxima à de um adulto, a partir dos 11 anos. Nessa altura, as crianças conseguem solucionar problemas e até fazer planos para o futuro. Já os adultos tendem a ver o mundo com obstáculos, perigos e oportunidades (RESENDE, 2020).

Para cerca de 20% dos respondentes têm a visão de que as aulas não presenciais estão totalmente prejudicadas (R8). O ano deveria ser cancelado e as aulas presenciais deveriam retornar em 2021. Para R9: *“Um ano sem aula não prejudicará o desenvolvimento da criança”*.

Na visão de alguns respondentes, o ano está perdido. Para R10: *“Na educação fundamental seria muito mais apropriado perder o ano letivo”*. E R11 afirma: *“É uma enganação, é caro, estressante, num momento que estamos precisando de paz e não da tortura que nos foi imposta, sem contar a falta de humanidade das escolas que querem receber 100% das mensalidades”*. E R12 completa: *“No meu caso ainda mais por se tratar de uma escola que se diz católica - usando o nome de Santa”*. Devido ao questionamento dos responsáveis, muitas escolas concederam descontos nas mensalidades.

Para muitos responsáveis, a qualidade do ensino caiu muito. Para R13: *“A qualidade do ensino caiu absurdamente. A escola finge que está dando aula e cumprindo os seus compromissos e a gente finge que o filho está aprendendo alguma coisa”*. Já outros responsáveis reconhecem o esforço da escola e dos professores, como R14 e R15: *“Vejo a importância da continuidade dos estudos nesse momento, porém a qualidade do conteúdo e o relacionamento entre as pessoas são afetados de forma significativa para o crescimento e o bem estar de todos”* (R14). *“A prioridade é ficar em casa, a escola pode ser retomada posteriormente”* (R15).

O atual momento denota o despreparo cultural, econômico e estrutural para enfrentar uma crise de larga escala como esta. A falta de interação entre as crianças é, definitivamente, a maior perda, pois a aula *online* não alcança essa preciosidade. Para a respondente R17:

O conteúdo anual ficará bastante prejudicado com a suspensão das aulas presenciais, mesmo com as aulas virtuais. Estou muito apreensiva sobre como será o retorno presencial, a compreensão dos temas dados virtualmente e a forma de cobrança dos mesmos aos alunos.

Para a respondente R18: *“Meu filho está com 2 horas de aula online mais exercícios extras. Sei que é importante, mas não consigo fazer tudo, pois estou sozinha em casa com ele e mais 2 crianças, sou eu que tenho que cuidar de tudo”*.

As crianças sofrem e têm dificuldades de expressar sua frustração por não terem a liberdade de brincar fora de casa, por não terem o convívio com os colegas, com os avós, tios e primos. É muito complicado exigir, nesse momento, performance com avaliações. Para o respondente 20: *“As aulas estão pouco atraentes, as crianças estressadas e eu não tenho tempo de acompanhar/mediar de perto todas as atividades online”*.

Ao analisar os relatos dos respondentes, percebe-se que há a consciência da dificuldade do momento e um esforço hercúleo dos responsáveis para não deixar a “peteca cair”.

Considerações finais

O presente trabalho foi sobre as estratégias que os responsáveis estabeleceram para passarem juntamente com os alunos o período de isolamento domiciliar e distanciamento social. Abordou-se sobre as mudanças e suas consequências, as dificuldades que os responsáveis enfrentaram nesse período. Todos os processos de adaptação tiveram que levar em conta a visão que as crianças têm sobre o assunto e a visão dos responsáveis. Houve um ajuste de um lado e do outro para o bom resultado da adaptação.

A pergunta a ser respondida pela pesquisa foi compreender as estratégias que os responsáveis estabeleceram para lidar com o ensino não presencial em tempos de pandemia. Percebeu-se que a estrutura ofertada pelas escolas particulares facilitou muito o processo de adaptação. O fato de as crianças terem contato frequente com as tecnologias ajudou nas aulas não presenciais.

Todos os objetivos foram concretizados. O primeiro objetivo visou identificar as estratégias que os responsáveis estabeleceram para lidar com o ensino não presencial. Os responsáveis buscaram acompanhar mais de perto as aulas e orientar os alunos sobre os conteúdos.

O segundo objetivo foi registrar as estratégias que os responsáveis estabeleceram para lidar com o ensino não presencial. Foi fundamental o entendimento dos pais de que a educação não pode parar, sendo um fator motivacional para que os responsáveis investissem junto com as crianças. A maioria dos respondentes são de crianças mais velhas, que apresentam um desempenho autônomo com a tecnologia e com o processo educacional. Para as crianças menores de 5 anos, da educação infantil, há uma maior dificuldade de concentração e, mesmo

com todo o esforço dos pais e educadores, o ensino não presencial não teve o resultado esperado.

O terceiro objetivo foi verificar a funcionalidade das estratégias que os responsáveis estabeleceram para lidar com o ensino não presencial. Os respondentes relataram que, apesar das dificuldades de adaptação, os resultados estão satisfatórios. O ensino não presencial não se compara ao ensino presencial, mas, olhando para os resultados, eles estão satisfeitos.

O trabalho foi muito importante para o entendimento do papel da parceria dos responsáveis com as escolas, para o resultado dos alunos. Apesar de as escolas fazerem o máximo para entregar um serviço de qualidade, o apoio dos responsáveis foi fundamental para o bom resultado dos alunos. A sensação positiva do processo pelos responsáveis garante o bom desempenho dos alunos. Além disso, essa pesquisa traz a possibilidade de outras pesquisas para o entendimento das estratégias das escolas e das secretarias de educação para o futuro da educação.

Referências

BRANSKI, Regina Meyer. FRANCO, Raul Arellano Caldeira; LIMA JR, Orlando Fontes. **Metodologia de Estudo de Casos Aplicada à Logística**. Unicamp. Disponível em: www.LaLt.fec.unicamp.br. Acessado em: 30 maio 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 31 maio 2020.

CACZAN, Luciana. **9 teorias que provam que as crianças enxergam o mundo de forma diferente**. Disponível em: www.awebic.com/teorias-criancas. Acesso em: 30 maio 2020.

DUNDER, Karla. Conselho define hoje calendário escolar durante pandemia. Caderno Educação do R7 com Agência Brasil. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/conselho-define-hoje-calendario-escolar-durante-pandemia-28042020>. Acesso em: 28 abr. 2020 às 02h00.

EDITORIAL QueConceito. São Paulo. Disponível em: <https://queconceito.com.br/mudanca>. Acesso em: 28 abr. 2020.

MINAS GERAIS. Diário Oficial do Estado de Minas Gerais (DOEMG) de 27 de março de 2020. Publicado por Diário Oficial do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/291323298/doemg-executivo-27-03-2020-pg-17?ref=feed>. Acesso em: 27 mar. 2020.

PATEL, Neil. **Estudo de caso: O que é, exemplos e como fazer**. Disponível em: <https://neilpatel.com.br>. Acesso em: 30 maio 2020.

RESENDE, Olívia; DUARTE, Marcelo. **O vírus é muito mau**: a visão das crianças sobre a pandemia. Disponível em: <http://ufmg.br/comunicação/noticias/o-virus-e-muito-mau-a-visao-das-criancas-sobre-a-pandemia>. Acesso em: 18 maio 2020.

TIRABOSCHI, Juliana. **Homeschooling na quarentena**: relatos de quem tem educado os filhos em casa. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/13/homeschooling-como-esta-sendo-ensino-a-distancia-durante-a-quarentena.htm>. Acesso em: 18 maio 2020.

WILLRICH, Aline; AZEVEDO, Camila C. Fatturi; FERNANDES, Juliana Oppitz. Desenvolvimento motor na infância: influência dos fatores de risco e programas de intervenção. **Rev Neurocienc**, v. 17, n. 1, p. 51-56, 2009.